

FHC DÁ AS
04 OUT 1994
CARTAS DIZ
JORNAL DA TARDE
SARNEY.

Partidos frágeis

CHRISTIANE SAMARCO/AE

Convencido de que Fernando Henrique Cardoso é o novo presidente do Brasil, o ex-presidente José Sarney, hoje senador (PMDB-AP), sustenta que nenhum partido pode reivindicar a paternidade pela vitória. Agora, avalia Sarney, toda a movimentação política depende da palavra do candidato tucano: "O maestro é o presidente da República, que vai ditar o tipo de relacionamento que deseja ter com os partidos".

Sarney está convencido de que a eleição de ontem confirmou a fragilidade dos partidos políticos brasileiros. "O movimento que se formou em torno de Fernando Henrique foi uma aglutinação de forças para tirar o Brasil da crise, independente de partido", afirmou. Por isso mesmo, o ex-presidente aconselha o tucano a "governar com todos e escolher os melhores", excluindo apenas o que chama de "forças retrógradas, populistas e estatizantes" — para não violentar a vontade do povo. Embora localize no PT focos dessa tendência, Sarney vê lugar até para "nomes" do partido na equipe de FHC, mas apenas em caráter individual. "A filosofia do PT o povo derrotou nas urnas", afirmou.

Sarney contesta os caciques do PSDB que dizem "não dever nada" ao PFL. A vitória de Fernando Henrique, na sua avaliação, é o resultado de uma composição política montada pelo presidente Itamar Franco com o apoio do grupo político sarneyzista — em especial da filha do ex-presidente, favorita para conquistar o governo do Maranhão pelo PFL. "Roseana teve uma posição decisiva na montagem da candidatura de Fernando Henrique, desde o início", lembrou. "Não se pode ignorar o apoio do presidente Itamar, que foi o elemento aglutinador das forças políticas, mas Roseana e o nosso grupo foram muito importantes no conjunto dessas forças."

Grupo sarneyzista BANCADA FORTE

Só no Maranhão, o grupo ligado ao ex-presidente deve eleger de 12 a 14 deputados, dos 18 que compõem a bancada do Estado na Câmara. Nem por isso, no entanto, o senador vê por que os tucanos deveriam se preocupar com sua provável influência no futuro governo: "Podem ficar tranquilos, porque não vou concorrer com nenhum deles".

Além de votos no Congresso, porém, Sarney acredita que tem a oferecer ao próximo presidente sua experiência no Planalto. Especialmente, ele se preocupa com a necessidade de promover reformas na Constituição aprovada em 1988, durante seu mandato como presidente. "Fui o primeiro a dizer que o País ficaria ingovernável com essa Constituição, e estou pronto a colaborar."

Sarney pondera que seria "de certo modo ilegítimo" promover a reforma constitucional ainda neste ano, nos últimos dois meses de mandato do atual Congresso e antes da posse dos novos deputados e senadores eleitos ontem. "Mas não podemos deixar de fazê-la no ano que vem", inverte. O ex-presidente aponta o caminho para driblar o emaranhado jurídico-constitucional e retomar o mais breve possível a revisão constitucional fracassada neste ano. "Acho que dá para reabrir a revisão, desde que o governo se disponha a fazer um projeto de grande magnitude", sugere. Sarney atribui ao vencedor das eleições presidenciais o papel-chave nesse processo: "O presidente da República precisa pensar com grandeza, até para restaurar a relação entre os três Poderes, que hoje estão desarmônicos e conflitantes".

04 OUT 1994